cimentos passados. A ciência organiza o mundo da experiência como sistema de medidas". O que vai dar precisão ao pensamento de Oakeshott é o uso de apresentar a História como um todo ou um mundo. Suas várias partes relacionam-se, criticam-se umas às outras e tornam-se naturalmente inteligíveis. Introduz, também, o mundo das idéias, que ele atribui ao historiador como abstrações, que não se podem encontrar de modo algum na experiência. Elabora uma comparação entre as idéias reais, que existem por si, e as do historiador que devem ser críticas, reflexivas, produtos do pensamento. Conclui, então, que o processo do pensamento histórico, pelo qual um dado mundo de idéias transcende-se a si próprio e torna-se mais do que um mundo, porque ultrapassa o passado e torna-se vivo no presente. (50)

Verifica-se que há uma aproximação de seus métodos com os de Bachelard, sem, contudo, igualá-los inteiramente. Em Bachelard, o conhecimento da realidade pela reflexão é condição primordial. O mesmo para o historiador que, em seu trabalho tem o mesmo do cientista. Conduz o seu pensamento, lançando mão dos dados conhecidos, mas transcende entretanto o objeto real, abstraindo o noumeno que, para Oakeshott, deverá estar não só na compreensão do passado como na experiência do historiador na atualidade e na intuição das coordenadas mestras que dirigem as formas de pensamento do presente.

3.2.9 - Continuando na análise dos pensadores europeus que, no século XIX, aproximaram-se das teses científicas de Bachelard, no campo historiográfico, vê-se Dilthey que, através de alguns trabalhos, como a Introdução às Ciências do Espírito, e em alguns ensaios inseridos em suas

(50) IDEM. op. cit. p. 241, 242, 243.

Obras Completas, estuda os fundamentos da historiografia sob vários aspectos, quais sejam:

1 - O historiador conhece o passado, a partir de documentos e dados que, por si mesmos, não revelam o passado.

2 - Os dados contribuem para fazer existirem na mente do historiador, condições de reviver o passado.

3 - O autêntico conhecimento histórico é uma experiência interior do historiador em relação ao objeto estudado.

4 - A análise psicológica dos próprios componentes mentais, ao invocar em si o conhecimento do passado histórico.

Seu pensamento pode ser ilustrado ao serem estudados os processos mentais que possibilitam ao historiador conhecer a experiência de Lincoln.

Deve comparar a mentalidade do citado estadista com a sua própria sem que estas se confundam, distinguindo-se dela, mas fazendo sua, entretanto, a experiência daquele passado histórico.

5 - O historiador chega a conhecer-se a si mesmo no presente, e em relação ao passado, como se suas condições atuais fossem uma composição renovada das experiências que se passaram. (51)

Há entre Dilthey e Bachelard um ponto essencial em comum: o de lógica psicologizada. Dilthey aplica-o à História no sentido de inserir a análise psicológica do autor na epistemologia histórica. É o que Bachelard denomina de psicologismo trabalhado, psicanalisado, normatizado a fim de servir-se dele, para o reconhecimento do passado histórico. (52)

---

(51) IDEM, op. cit, p. 271, 272, 273

(52) BACHELARD, Gaston. L'Engagement Rationaliste. Paris. Presses Universitaires. 1972, p. 28.

Precisando melhor o pensamento de Dilthey, Ortega y Gasset interpreta-o dentro dos seguintes pontos essenciais:

1 - A experiência é a base do conhecimento.

2 - A experiência é um advertir, um perceber fatos internos ou externos, portanto, ora sensíveis ora íntimos. É tomar posição, comparar, distinguir, identificar, inferir.

A atividade intelectual é exercida em cada caso concreto e tem por fôrça uma constituição prévia e genérica que faz parte das condições gerais de seu exercício. (53)

Verifica-se que Dilthey apresenta, em traços gerais, toda a linha do pensamento científico de Bachelard, sem chegar, entretanto, à precisão metodológica elaborada por êste último. Eis outros pontos essenciais de afinidades:

1 - Bachelard admite um "raciocínio por construção", baseado em hipótese vinculada à experiência realizada.

2 - Dilthey apresenta a experiência como fundamento do conhecimento, possibilitando a formação de processos mentais advindos da inferência, ou coordenados já estabelecidos.

3 - Bachelard apresenta o psicologismo aplicado ao objeto. O psicologismo trabalhado, construtivo.

4 - Para Dilthey o conhecimento do objeto é intrínseco, é uma experiência interna que, embora advinda do objeto, possibilita uma elaboração mental, uma constituição do que se percebeu pela reflexão, onde se inserem elementos externos nos quadros racionais elaborados pelo intelecto.

Bachelard mostra um quadro minucioso e elaborado da epistemologia científica, onde as etapas evolutivas do saber são emanadas histórica e filosòficamente, obedecendo

---

(53) GASSET, J. O. Kant.... op. cit. p. 163

a uma hierarquia na qual a razão e experiência se sucedam em pontos e contra-pontos, marcando, algumas vezes, fases de estrangulamento entre razão e realidade: o racionalismo é, muitas vezes, supracionalismo e a realidade é ultrapassada pelo surrealismo. Chega-se ao que Bacon denominou de metafísica, aquilo que transcende o conhecimento da Física e, em Bachelard, o da própria razão.

Dilthey viveu na época em que a psicologia surgia como ciência e fazia sua aparição na Alemanha. Não é, pois, de se admirar, que também no campo histórico, nas últimas décadas do século passado, a nova ciência já fosse aplicada às indagações de ordem historiográficas, fundamentadas pelo racionalismo.

No século atual, entre as ciências da natureza, novas elaborações mentais são admitidas, a partir das teorias psicológicas, como a da razão psicologizada, em acréscimo ao que M. Gonseth apresenta como lógica matematizante e M. Barzin como lógica pura, aplicada ao conhecimento científico. (54).

3.2.10 - Adicionando algo mais ao pensamento do século XIX, Henrique Bergson apresenta um ponto essencial para a análise dos processos psicológicos do conhecimento: é a relevância atribuída à intuição. Afasta-se, entretanto, da questão objetiva da elaboração científica, permanecendo em uma subjetividade excessiva. Estabelece, assim, um envolvimento do passado pelo presente, onde o pretérito está vivo no momento atual. Afasta-se, porém, de Bachelard,

---

(54) BACHELARD, G. L'Engagement... op. cit. p. 28,29.

"La raison ait, comme il convient, une action de surveillance et une action d'invention, une action defensive et une action offensive".

ao preterir os meios racionais para o conhecimento da realidade, alegando aplicação rígida de seus conceitos inadequativos à realidade. (55) Ora, o elemento preponderante na temática de Bachelard é a ausência de rigidez, de onde se conclui que as suas teorias e as de Bergson não são coincidentes.

3.2.11 - Completando o estudo das influências dos pensadores europeus do século XIX na evolução da Historiografia, Benedetto Croce, que pode também ser considerado do século XX, sintetiza as correntes dominantes entre filósofos e historiógrafos europeus, elaborando uma tese própria que, na sua aplicação, aproxima-se dos métodos atuais aplicados ao estudo da História, a partir dos seguintes postulados:

1 - A História é auto-conhecimento do espírito vivo, isto é, o passado a vibrar na mente do historiador.

2 - A crítica e interpretação dos documentos deverá ter como objetivo o presente.

3 - O historiador revive para si o passado histórico e investiga o presente. (56).

Entre os pontos essenciais acima enunciados, e o trabalho de Bachelard, verifica-se que há contatos e aproximação. O item 1 mostra o envolvimento da razão psicologizada na interação entre o espírito do presente e o fato do passado. O conhecimento advindo da crítica aos documentos

---

(55) MESSER, Augusto. História de la Filosofia Atual. Buenos Aires. Espasa. Calpe. 1941, p. 214.

(56) CROCE, Benedetto. Apud. A Idéia de História ... op. cit. p. 295, 296, 297.

revela a inferência indutiva apontada por Bachelard. E, finalmente, a revivescência do passado histórico pelo historiador, representa uma síntese do pretérito conhecido, revestido de novas imagens, em que o presente revela sua ação e reflexão, à luz de novas técnicas e compreensão mais clara, em virtude dos desvendamentos advindos dos conhecimentos atuais. O passado representado pelo fato, e o presente pela ação consciente do historiador, questionam-se para atingirem uma interação onde a verdade histórica se revela.

3.2.12 - A primeira guerra mundial foi muito mais do que uma crise bélica, pois os europeus compreenderam a necessidade de dar continuidade à revolução epistemológica no campo da ciência histórica. Conforme bem fundamenta Joaquim Barradas de Carvalho, evolui o método histórico do sensível ao inteligível. Passa a História do que é demonstrado aos sentidos, para a observação, a indução e a intuição. O intelecto elabora os projetos de pesquisa em razão dos raciocínios e dos conhecimentos empíricos adquiridos. (57)

A propósito, Ortega Y Gasset, ao analisar o pensamento hegeliano, assinala que toda ciência da realidade e a História é uma delas, compõe-se de quatro elementos:

1 - Um núcleo apriorístico da realidade que se pretende investigar: a Física em Física, a História em História.

2 - Um sistema de hipótese que envolve esse núcleo a priori com fatos observáveis.

---

(57) CARVALHO, Joaquim Barradas. Conhecimento, História e Realidade. In Revista de História. São Paulo.1971. Vol. XLII, nº 81 Ano XXII, p. 415, 148, 473.

3 - Uma zona de induções, dirigidas por estas hipóteses.

4 - Uma vasta periferia rigorosamente empírica - descrição dos fatos enunciados em sua pureza.

A proporção que estes elementos intervenham na ciência, depende de sua fisiologia particular, e esta, por sua vez, da textura ontológica que cada forma geral da realidade possui. Há, portanto, em relação ao sujeito cognoscível e o objeto, diferenças de estrutura, ocorrendo o mesmo entre a matéria, o corpo vivo e o histórico. (58) Embora, em seus fundamentos gerais, a investigação científica possa ser elaborada dentro de métodos semelhantes, processos particulares irão orientar a caracterização do campo determinado de investigação. Paralelamente, assinala aquilo que Bachelard denomina de necessidade de maior flexibilidade, mesmo no perímetro definido de uma determinada pesquisa. E o que se observa é que são utilizadas várias disciplinas afins da ciência para auxiliarem na investigação, com desvinculação consciente e metódica de qualquer teoria preconcebida, diante de um impasse epistemológico, com maior precisão nos processos gerais de trabalho. A partir dêsse quadro, fácil será dar continuidade aos elementos de comparação.

3.2.13 - Marc Bloch apresenta considerações sôbre a encruzilhada das ciências, expressando-se sôbre as mudanças radicais ocorridas na atmosfera mental de investigação. Observa que a teoria cinética dos gases, a mecânica einsteniana, a teoria dos quanta alteraram profundamente a idéia que se formava da ciência. Introduziram maior flexibilidade, quando substituiram o corte pelo infinitamente pro

---

(58) GASSET, J. O. Kant... op. cit. p. 75, 76.

vável; o rigorosamente mensurável pela noção da eterna relatividade da medida. Reconhece que recebeu profunda influência dessa metamorfose. Chega, então, à conclusão, de que um determinado conhecimento pode ser tido como científico, ainda que não possa ser demonstrado com precisão euclidiana ou comprovado por leis inatáveis.

A certeza e o universalismo passaram a ser uma questão de grau, de hierarquia, de estatística. Não há, pois, um modêlo estático, uniforme, de investigação, pois até nas ciências de natureza física deixou ele de ser inteiramente aplicado. (59)

O objetivo do historiador é o homem. Entendê-lo, através da compreensão de suas ações no passado, eis a sua originalidade. Dando continuidade ao pensamento de Marc Bloch notam-se novos pontos de consonância com a moderna teoria científica: "Mais do que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos, aparentemente mais distanciados dos que as elaboraram, são os homens que a História pretende apreender". (60)

A intenção de Bloch está em utilizar os métodos científicos atuais no campo histórico. O <u>noumeno</u> procurado no pensamento de Bloch, na História, seria a compreensão dos homens pelo estudo do seu passado, dentro das condições atuais da sociedade. A finalidade de compreensão, entretanto, poderá transmutar-se em um sentido utilitário de paz, progresso, questão que fica aberta, à medida em que novas etapas epistemológicas sejam vencidas.

Dentro da meta anterior, faz a sugestão de "simplicidade" e "complexidade", ao expressar sua opção pelo

(59) BLOCH, Marc. <u>Introdução à História</u>. Lisboa, saber. 1965. p. 22.

(60) I.B.I.D op. cit, p. 228

plural, mais condizente com a relatividade dos conhecimentos advindos da ciência estudada na atualidade.

O homem real, submerso na máquina, nos documentos, nas instituições, deve ser entendido, em sua tentativa de atingir a realidade explicada, onde Bachelard coloca a encruzilhada do epistemólogo.

O que seria a realidade explicada em História? Seriam os elementos comuns a todos os homens, aquilo que representaria o que é, através dos tempos passados e o que será no futuro; o que existiria de fundamental, intrínseco na natureza humana e na sociedade, possibilitando a compreensão entre todos.

Vejam-se, por exemplo os aspectos factuais da colonização da América do Norte pelos dissidentes religiosos europeus, e a elaboração e conservação de sua Constituição. O epistemólogo poderia chegar à conclusão de que o ideal de liberdade de pensamento e ação possibilitou o ato que, no novo mundo, concretizou-se na prática da democracia, experiência aparentemente nova para os colonos em questão. A Constituição foi o resultado de processo racional, reflexivo, onde cultura, bom senso, experiência, inovação e adaptação foram feitos para que a sociedade independente que surgia, pudesse manter-se em equilíbrio sócio-político e econômico. Com o exemplo acima atingo-se apenas etapa perfunctória da questão. Para se chegar à finalidade última proposta, ou à compreensão da experiência humana na América, necessário seria o estudo dos antecedentes econômicos, políticos, religiosos, sociais e jurídicos do grupo colonizador; o estudo comparativo dos meios geográficos americano e europeu; das doutrinas econômicas da época; da mentalidade, enfim, o que constituiria não só uma recomposição da sociedade dentro do período, mas a análise sociológica, política, econômica e mental do pretérito, dentro dos atuais conhecimentos científicos.

Seria possível então, compreender o homem da época melhor do que ele mesmo se entendeu, e estariam abertas clareiras para o conhecimento das bases essenciais da sociedade americana atual, e as possíveis coordenadas de sua mentalidade.

Para a realização de um trabalho dessa natureza , seriam utilizadas as conquistas científicas do presente,que englobariam os métodos de trabalho do passado, ampliando sua área de conhecimento. A História não faria apenas a análise dos fatos, mas daria o entendimento do clima psíquico e sócio-econômico que os gerou.

A flexibilidade do método significaria que a compreensão do homem, como finalidade em si, não se esgotaria, por que novas possibilidades de equilíbrio e orientação da sociedade poderiam surgir, originando outros métodos de investigação e colocação de problemas.

Dentro das Ciências Sociais, novas disciplinas seriam aperfeiçoadas, concomitantemente, possibilitando atingirem-se metas mais amplas. A dialética apresenta-se em toda extensão da metódica historiográfica.

Dentro do mesmo plano, será analisado o pensamento de Fernand Braudel, notadamente através de seus artigos' História e Sociologia, (61) História e Ciências Sociais (62) e do seu livro O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo ' na Época de Felipe II. (63).

---

(61) BRAUDEL, Fernand. História e Sociologia. In Revista de História. São Paulo. 1965, Vol. XXX, nº 61,Jan-mar. p. 11 a 31.

(62) IDEM. História e Ciências Sociais. A longa duração.In: Revista de História. São Paulo, 1965, Vol. XXXI, ' nº 67, Ano XVI, p. 261/294.

(63) IDEM. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II. Buenos Aires. Fundo de Cultura ' Econômica. 1953.

3.2.14 - Braudel não se encaminha dentro dos métodos de pesquisas tradicionais e não se preocupa, de modo específico, com os fundamentos filosóficos da ciência histórica. Seu trabalho desenvolve-se dentro da compreensão de que a História é uma ciência de caráter social, com finalidades e métodos próprios. Toda a sua atividade mental situa-se no âmbito da área social de estudos, onde fixa, em primeira linha, as modalidades do trabalho histórico.

Apresenta, entretanto, em traços gerais, alguns pontos de contato com o pensamento de Bachelard, como o que se refere à "Complexidade-simplicidade". Para o historiador em causa, o plano histórico reveste-se sempre, de grande complexidade. O próprio caráter da ciência é complexo em razão da vasta área de conhecimento a abranger.

A dialética evidencia-se ao colocar em causa a História "événementielle" e a história estrutural, cíclica, conjuntural, a última estendendo mais sua visão dentro da economia, da sociedade, da mentalidade, sem deixar, entretanto, de ter seu apoio no fato histórico em si.

Ainda dentro do mesmo plano, apoia-se na problemática do tempo, quanto à sua curta e longa duração.

Opõe-se à História tradicional, que se caracteriza pelo tempo breve, onde se dá relevo ao indivíduo, ao relato precipitado e dramático, o tempo longo, o passado de longos períodos, de 10, 20, 50, 100 anos. Aqui, a descrição vai dar lugar às análises econômicas e sociológicas, ao levantamento estatístico, aos dados comparativos, onde a História quantitativa fornece elementos para interpretações gerais da sociedade em sua conjuntura histórica. O factual emerge desse plano geral, como um produto das circunstâncias sócio-econômicas que o geraram. O indivíduo é parte do conjunto, e a atenção do historiador se lhe aplica somente quando é peça importante para a ilustração de um fato que tem influência no todo.

Pode-se exemplificar com o assassinato de Júlio Cesar, já tantas vezes analisado pelos historiadores. Interessa interpretá-lo para o entendimento entre os contrastes existentes naquele momento histórico e a nova forma de governo que seria inaugurada pela influência pessoal militarista, caracterizada a partir daquele momento. Através do fato isolado, compreende-se o estrangulamento de uma estrutura política de longa duração, que teria o seu desfecho no drama pessoal de Júlio Cesar, para dar início a uma outra. Dentro do mesmo quadro, ressaltam-se as transformações econômicas que tiveram lugar na época. Roma transcendia do imperialismo peninsular para a forma continental de domínio, consolidando-se sua posição no Norte da África e no Oriente Médio. A profunda influência desse domínio provocaria mudanças de estrutura econômica na sociedade romana, cuja transformação seria o pano de fundo do assassinato de Cesar.

Braudel preocupa-se em analisar os campos de ação das duas ciências afins, a Sociologia e a História. Suas definições apresentam esclarecimentos para a visão metodológica da História, dentro do seu panorama atual. Referindo- se à Sociologia, após analisar retrospectivamente as conceituações de Emile Durkeim e François Simiand, define-a como "a ciência que ainda não é, mas para a qual não deixará de tender".

Há pela colocação de Braudel, o entendimento da dinâmica do progresso científico no campo social, na medida em que o Realismo Técnico possibilita a precisão dos meios de pesquisas, interpretação e síntese.

Para a História, afirma que "não há uma só História", uma só maneira de ser historiador, "mas diversas maneiras com tendências a se multiplicarem".

Patente seria, aqui, a maior correlação com o objeto de estudo comparativo. Para Bachelard, o método científico não deve prender-se a fórmulas rígidas e a conceitos pré-estabelecidos. A diversidade de processos possibilita

uma dinâmica proporcional às necessidades do trabalho em causa e às dificuldades apresentadas pelo campo de pesquisa. Mobilidade, reflexão, autobilidade - eis o que informam os trabalhos de Braudel, quando sugerem a flexibilidade nos conceitos de aferição ou de síntese, com sua "variedade de se historiografar".

3.2.15 - Complementando a análise comparativa dos atuais pensadores europeus, chega-se às características do pensamento de Max Weber, que se dedica, principalmente, às ciências sociais, ligadas à sociologia religiosa e econômica, com contudo, afastar-se, também, do campo histórico. Será focalizada, notadamente, a sua Teoria da Ciência, interpretada por Raymond Aron. O trabalho citado, que data das duas primeiras décadas do século XIX, consta de quatro ensaios epistemológicos: Ensaio sobre alguns conceitos de sociologia compreensiva, A objetividade do conhecimento nas ciências e na política social, Estudo crítico para servir à lógica das ciências da cultura, Ensaio sobre o sentido da neutralidade axiológica nas ciências sociológicas e econômicas.

Foram estudados os aspectos que poderão estar de conformidade com o trabalho de Bachelard: "A pesquisa científica é um exemplo eminente de uma ação racional, cujo fim é a verdade. A verdade depende dos julgamentos de valor demonstrados pelos fatos ou argumentos universalmente válidos. (64)

Observa-se, na transcrição que segue, certo ponto

---

(64) WEBER, Max. Apud. Les étapes de la pensée sociologique. Raymon Aron. France. Gallimard. 1967. p. 505, 503.

de apoio e depois de oposição ao pensamento de Bachelard: "a ação racional tem como fim a verdade"; "os valores são fatos ou argumentos universalmente válidos". Na primeira afirmativa, a afinidade se revela, na última, há certo contraste. A ciência tem demonstrado que muitos axiomas considerados válidos, constituindo-se, portanto, em julgamento de valor, ou foram rejeitados na sua totalidade ou o foram parcialmente. Eis o Geocentrismo, por exemplo, durante séculos incontestado, dando, a seguir, lugar à conceituação oposta. Referindo-se aos juízos de valor histórico, sua própria realidade transforma-se com as mudanças de conceitos dos valores dominantes. Eis, por exemplo: o Teocentrismo na Idade Média, o Humanismo do Renascimento e Liberalismo da Ilustração, para mostrar, apenas, como as idéias predominantes são móveis, mesmo dentro de um tempo relativamente breve. Tornam-se, entretanto, a tônica do pensamento na época em que atuam. Weber afirma que as ciências da História e da Sociedade, embora tenham a mesma inspiração racional que as ciências da Natureza, diferem-se profundamente. Referindo-se às ciências Naturais, escreveu só ser possível aproximar-se de sua realidade, através de proposições de natureza matemática, que são as que indicam as regularidades observadas.

Ambas as ciências atingem o objetivo da compreensão, mas segundo Weber, as ciências Naturais expressam-se por vias indiretas, por processos intermediários, enquanto que as Sociais têm entendimento imediato. Esses conceitos, de acôrdo com Bachelard, são passíveis de reformulação. Weber apresenta, relativamente às ciências Sociais, um exemplo de processo direto de entendimento: "um professor compreende os alunos de seu curso" ou o "ato de o motorista se deter diante do fogo", sem que haja necessidade de se obterem dados estatísticos de julgamento.

Verifica-se que Weber parte do princípio de que a

questão é de entendimento extrínseco. É o que se dava com os métodos tradicionais no campo das ciências Naturais.

Os exemplos de Weber situam-se no estágio hoje denominado de pré-científico, no qual todo entendimento advém do que é puramente sensitivo, da aparência das coisas.

É o que Bachelard denomina de processo de simplicidade, em oposição aos conceitos atuais de que, por mais simples que seja um corpo, está pleno de complexidades, cheio de relações extras, que devem ser esclarecidas para melhor entendimento.

Analisando o primeiro exemplo de Weber: "o entendimento entre o professor e os alunos de um curso é fácil de ser observado e compreendido". Uma série de indagações podem ser formuladas a partir dessa afirmação, tais como: o professor conhece bem os alunos de sua classe? Em que aspectos os conhece? Aplica técnicas de compreensão e de entendimento? Como? A classe é homogênea? Os temas estudados estão dentro do campo de ação e do interesse dos alunos? São os alunos bem relacionados com os pais? O são na comunidade? Aceitam passiva ou ativamente as lições? O ensino está adequado à aspiração de cada um e da classe em conjunto? Quantos assimilam com facilidade e quantos aprendem com certa lentidão?

São questões que possibilitam o entendimento professor com sua classe, em profundidade. Respondê-las só é possível através de estudos complexos empregando-se observação, testes, sociogramas, questionários, exame de currículos, aproveitamento individual e coletivo.

Chega-se, então, à conclusão, de que o entendimento simples aluno-professor, que salta à primeira vista, extrinsecamente, depende de estudo especializado de uma equipe, por meio da qual as hipóteses deverão ser formuladas e os resultados é que deverão fornecer dados que possibilitam saber se há compreensão do professor e sua classe. São

estudos que só podem ser feitos através da experimentação , julgamento e comprovação.

Pode-se, ainda, dentro do mesmo plano, tentar um segundo exemplo: "por que os motoristas param diante de um fogo intenso"? À primeira vista, parece simples. Se atravessam o fogo, arriscam a queimar-se. A resposta comportaria várias observações paralelas: o teor do combustível e o material de que é fabricado o carro, o conhecimento de que o óleo ou a gasolina são inflamáveis, o imprevisível de, com o calor, o motor fundir-se e parar no meio do fogo. E pode até ocorrer que um motorista mais ousado consiga atravessar o fogo, incólume. A compreensão real do fenômeno psíquico de deter o carro diante do fogo, vai demandar a resposta a todas as questões, inclusive o emprego de estatísticas relativas aos motoristas que se detêm diante de um incêdio e dos que avançam. Qual a razão psicológica que provoca alguns de se deterem, uns poucos de avançarem? Novas questões que dependem de estudos complexos e que demandam equipes de trabalho.

Verifica-se que o argumento de Weber, do ponto de vista do moderno espírito científico, deixa de ter inteira validade. Os mesmos passos exigidos para a comprovação de uma hipótese, em Ciências Sociais, deverão ser objeto de realização nas Ciencias Naturais.

O que Weber denomina <u>compreensão</u> em Ciências Sociais e <u>prova</u> em Ciências da natureza deve ser atingido através da reflexão, da hipótese, da experiência e de explicação. Todas devem ser realizadas em laboratórios: uns de Ciências Sociais; outros de Ciências Naturais. Todas demandam inquéritos, testes, experimentos, comparação, dúvida metódica, reformulação de hipóteses e descrição, assim como utilização de disciplinas afins para a obtenção de resultados. Os meios empregados às vezes diferem, às vezes assemelham-se. Mas, como um todo e como corolário, a compreensão

é a finalidade de uma pesquisa, tanto no campo científico, quanto no âmbito das Ciências Sociais.

Ainda, dentro do mesmo espírito de análise, Weber manifesta-se: "A conduta humana expressa uma inteligibilidade intrínseca". Esta é uma afirmação dotada de muita relatividade, em razão do complexo de relações que possibilitam tal conduta. Para se chegar a um valor universalmente válido a respeito de determinada afirmação no campo social, tornam-se necessárias exaustivas pesquisas, cujos métodos apenas possuem variantes perfunctórias em relação ao método científico das outras ciências.

Ainda Weber declara: "O ato científico, assim como a conduta racional são orientados pelo valor da verdade universalmente avaliável, ou a elaboração científica por escolha que não seja a subjetiva". (65) E questiona: "quais são as medidas que permitem que, além da escolha subjetiva, garantir a validade universal dos resultados da ciência" ?' Parece que a maior parte da obra metodológica de Weber tem por finalidade reconhecer esta dificuldade.

Em Bachelard a dificuldade também existe, e a prova é que se manifesta sobre a "realidade explicada", como sendo a "encruzilhada do epistemólogo". Ora, em Ciência Física, Química ou Matemática, não só a experimentação pode aferir uma hipótese mas, muitas vezes, apenas a teoria e os juizos de julgamento deverão ter validade. Observa-se, então, que o problema da verdade tanto em Ciências Físicas como Sociais deverá ser questão aberta, suscetível de reformulação quando necessário. Até a questão da unidade do Ser, conforme o espírito científico expresso por Bachelard, poderia sofrer revisão. Nada impediria que perdesse o conceito' clássico, estático, impermeável, para se traduzir numa mul-

---

(65) IDEM. Apud. Les étapes... op. cit. p. 510

tiplicidade imanente e diversificada. (66)

Quando Weber afirma que os resultados científicos devem ser obtidos a partir de uma escolha subjetiva, por processos submetidos à verificações que se impõem a todos os espíritos, chega-se a uma questão comum com o pensamento de O Novo Espírito Científico, que se expressa através de uma epistemologia lógica-psicologizada, onde as hipóteses são processos subjetivos baseados em conhecimentos prováveis a serem garantidos pela experimentação, a argumentação ou a evidência aplicada.

Max Weber, referindo-se à História e à Sociologia, afirma que não são elas ciências apenas interpretativas dos sentidos objetivos e das condutas,mas são também ciências de caráter causal. É necessário saber como as coisas se passaram, como uma certa maneira de crer determina uma certa maneira de agir. (67) E conclui que a análise dos precedentes causais garante a validade universal dos resultados científicos. (68)

A questão causal, para Bachelard,contém certa validade de caráter geral,mas não é tão garantida ao ponto de obter, com segurança, o conhecimento exato de um fato científico. Inquirir, por exemplo, conforme o pensamento de Bachelard, as causas da guerra européia de 1914 e compreender, com exatidão, por que deflagrou, não é tão simples como se apresentam os estudos causais perfuntórios. Weber, ao contrário, afirma que as causas da guerra de 1914 não se confundem, com a frequência das guerras européias, nem com o fenômeno guerra. Seu entendimento deve ser individual, único, o caso em si, a ser estudado dentro de sua própria

---

(66) BACHELARD, G. O Novo Espírito ... op. cit. p. 21.

(67) WEBER, Max. Apud. Les étapes ...op. cit. p. 511

(68) IBID. P. 512

problemática, (69) o que se coaduna totalmente com Bachelard. Em Ciência Física, as causas são gerais, as determinações dos eventos particulares. Para ilustrar o paralelo, dever-se-iam estudar as causas das guerras em geral e inserir, dentro dos modelos estabelecidos, a de 1914. Determinar esse processo de rompimento bélico é objeto de estudo específico e rigoroso, é o desvendar do essencial daquela deflagração, dentro da fenomenalidade bélica em geral, é um processo laborioso de comparação em profundidade, para se chegar à realidade única, característica, especial conforme o pensamento de Bachelard. (70)

Eis o que Bachelard expressa sobre a questão: "Chega-se ao real, estudando-se a classe, e o simples só pode ser destacado após o estudo aprofundado do complexo". (71).

Verifica-se ainda, outra questão que se afina com o pensamento de Bachelard: "Há uma estreita solidariedade entre causalidade histórica e sociológica". Uma e outra se exprimem em termos de probabilidade pela grande diversidade de fenomenos que podem provocar um evento. Essa solidariedade se estende, também, ao campo da Física, principalmente quando a experiência não pode confirmar as previsões racionais elaboradas sôbre um dado fenômeno.

Para confirmar a assertiva acima, será estudado outro filósofo das Ciências Sociais, por onde será feita mais uma tentativa de adequação à teoria.

3.2.11 - Lucien Goldmann em seu livro Ciências

---

(69) IBID p. 512.

(70) BACHELARD, G. O Novo Espírito ... op. cit. p. 113

(71) IBID p. 130

Humanas e Filosofia, estuda a epistemologia historiográfica sob dois prismas:

1 - O da finalidade

2 - O dos meios.

Para Goldmann, a finalidade ou o objetivo da História será o conhecimento rigoroso e preciso dos acontecimentos, relevando-se o que há de particular e específico no emaranhado dos fatos. (72)

Não há preocupação utilitária, constituindo-se, a verdade, tema essencial do pesquisador. Expressa-se: "Adequatio rei et intellecus".

Aqui, difere, provisoriamente, de Marc Bloch, que coloca o objetivo histórico na compreensão dos homens.

Os meios de Goldmann atingir os objetivos deverão ser o desinteresse, a erudição, o espírito crítico, o devotamento, a penetração intelectual, o que vale dizer, a reflexão.

A questão colocada como foi inicialmente, sôbre a finalidade da História, ficou em suspenso. Numa sociedade eminentemente utilitarista como a da atualidade, um estudo que esgota o seu objetivo na verdade, e só na manifestação da verdade, perde seu sentido. É então que Goldmann continua o seu pensamento, ao demonstrar que essa verdade culmina na mesma compreensão de Marc Bloch, mas sob outro prisma. Seria, o esclarecimento de como o homem passa da mentalidade individualista onde o Eu e o Tu tem maiores prorrogativas, para o nós, que deverá ser a conscientização das responsabilidades reais entre os componentes da sociedade.

Os processos desse conhecimento serão tomados da dialética, onde racionalismo e empirismo questionam-se para

---

(72) GOLDMANN, Lucien. Ciências Humanas e Filosofia. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1970. 2ª Ed. p. 18

realizar a síntese que consiste em considerar o passado como caminho válido para a ação comum entre os homens de uma mesma classe no presente, a fim de realizar uma comunidade autêntica e universal no futuro. (73)

Para Bachelard a questão de finalidade está implícita na realidade evidenciada pela técnica.

Para atingir esta finalidade, que, no campo histórico, em Bloch e Goldmann, equivalem à compreensão e conscientização, será necessário organizar os meios, isto é, trabalhar dentro de processos científicos atualizados.

Goldmann estabelece considerações que se prendem ao conceito tradicional da História das Ciências Sociais, em oposição aos conceitos atuais do método científico de Bachelard: "As ciências físico-químicas estudam matérias não animadas"... Dentro do pensamento de Bachelard, merece retificação. São os homens que estudam as ciências físico-químicas. O conhecimento e progresso destas mesmas ciências dependem de reflexão e racionalização do estudioso que, embora defrontando com a matéria inanimada, dela pode extrair comunicados eloquentes. Estes comunicados dependerão do entendimento e da conscientização que o cientista possui, do teor que a matéria encerra. O homem e o objeto do seu estudo realizam uma interação completa em que a inteligência envolve o produto inanimado, mas cheio de significação, contido na pesquisa empreendida. As Ciências da Natureza dependem do homem, não existem por si só, alienadas da ação inteligente e subjetiva do pesquisador.

Volvendo ao método científico aplicado às Ciências Humanas, Goldmann apresenta alguns postulados, se bem que apenas parcialmente se afirem, com Bachelard:

1 - O processo do conhecimento científico é, ele

---

(73) IDEM. op. cit. p. 20

próprio, um fato humano histórico e social (74)

2 - Há, no estudo da vida humana, identidade parcial entre sujeito e objeto do conhecimento.

Bachelard utiliza os mesmos postulados em ralação à Física: Não há fronteira delimitada entre o sujeito e o objeto na Física. O conhecimento resulta da interação entre ambos, o sujeito penetrando, pela reflexão, experimentação' e intuição no objeto estudado, para com ele se confundir,numa interação mental em que um se posta em passividade provisória, o objeto, e o outro em ação inteligente e ativa,o sujeito.

Em História é possível utilizar-se o mesmo método. O documento, as lendas, as instituições, os monumentos são objetos inanimados que por si só, não elaboram conhecimento ' adequado. São a inteligência, a intuição e a reflexão, em conjunto, processos mentais humanos, que vão fundamentar o conteúdo de certeza, ao realizarem interação entre o sujeito, aqui, o homem com suas potencialidades criadoras, e os fatos os quais são objeto de trabalho e reflexão mentais de estudiosos que os vivificam. É dessa interação que vai surgir a verdade contida nos acontecimentos. São os requisitos que podem divisar o noumeno oculto nos fenômenos, à espera da razão, intuição e experimentação para desvendá - los.

Sente-se afinidade nos dois campos de pesquisas dentro dos seguintes aspectos:

1 - A realidade pode surgir da interpretação do resultado da experimentação em Física.

2 - Nas Ciências Humanas a realidade irá depender da interpretação dos fatos estudados.

Para as duas ciências, os meios de trabalho possuem ' grande afinidade: na Física, o laboratório, a natureza,a os

(74) IBID. p. 25, 27

tatística; o arquivo, o monumento, os vestígios antigos, a natureza e a estatística em História.

3.2.17 - A Filosofia e a História tradicionais tiveram profundo abalo em suas raízes, quando a primeira guerra mundial de 1914 subverteu o tônus essencial da vida européia. Os historiadores ressentiram-se com a inutilidade de seus estudos para orientarem os estadistas e a política mudiais. Uma revisão se fez sentir.

Notou-se a exigência entre os pensadores alemães, nas pessoas de Spengler, Rosemberg, Max Weber, Jasper; na França com Sorel, Marc Bloch, Lucien Febvre, Georges Lefebvre; na Itália com Benedeto Croce, na Espanha, com Ortega y Gasset e Juan Reglá. Esses estudiosos tenderam a valorizar a reflexão, a crítica, a análise, a intuição para buscar a realidade antevista nos fenômenos históricos. Seu desiderato está em vias de atingir a precisão elaborada pelos trabalhos de Bachelard em "O Novo Espírito Científico". Marc Bloch expressou em sua "Introdução à História" ser uma de suas mais caras aspirações colocar a pesquisa histórica nas bases em que se encontram os trabalhos científicos no campo das ciências exatas.

Antes que se prossigam as tentativas de adequação dos aspectos essenciais dos fenômenos históricos com a teoria de Bachelard contida em O Novo Espírito Científico, necessário se torna elaborar os fundamentos historiográficos' na época atual, fixando suas balisas de entendimento. É o que será feito na terceira parte deste trabalho.

3ª. P A R T E

4.0 A HISTORIOGRAFIA EM SEUS ASPECTOS GERAIS.

Foi realizado, na segunda parte deste trabalho, através de estudos efetuados sôbre a evolução da Historiografia, do século XVIII até a atualidade, um confronto com os pontos essenciais da teoria de Bachelard, onde, propositadamente, deu-se mais ênfase às coincidências do que às contraposições, em razão de se tentar expor as afinidades que iriam surgindo, no evoluir do pensamento histórico, cuja proximidade com O Novo Espírito Científico, representaria 'sinal de conquista no campo científico.

Será necessário, agora, fixar as coordenadas básicas da Historiografia contemporânea, a fim de que sejam estabelecidos os marcos da ciência histórica, por onde a adequação proposta será possível ser feita.

Não são muitas as referências que se fazem ao termo Historiografia. Os dicionários filosóficos geralmente omitem a palavra. José Ferrater Mora, Walter Brugger, Paul Foulquié, Orris Soares, André Lalande não registram o termo. Referem-se ao Historicismo ou Historicidade, dentro de conceitos que se aproximam, mas não definem a palavra Historiografia.

Impõe-se precisar cada termo a fim de que se pos

sam exprimir com mais clareza as idéias referentes ao tema ora estudado.

Conforme expressa Nicola Abbagnano em Dicionário de Filosofia, Historicidade é o "modo de ser do mundo histórico ou de qualquer realidade histórica". Ainda expõe conceituação mais perfunctória: "a existência de fatos no passado, representativos de uma realidade e não de um mito";ou uma terceira definição, como "a importância histórica que às vezes se atribui a fatos presentes e contemporâneos". (75).

A palavra Historicismo, empregada pela primeira vez por Novalis Werke, é apresentada por Abbagnano em quatro conceituações que expressam, em parte, a noção que se deseja apreender:

1 - A doutrina, segundo a qual, a realidade é História, isto é, desenvolvimento, racionalidade e necessidade, e todo conhecimento histórico, como o expressa Hegel, representa a própria realização de Deus. É a doutrina do idealismo romântico.

2 - A História é a revelação de Deus, conforme E. Troeltsch e F. Meinich. É a expressão de pensamento fideista, no qual, a revelação ocorre através da fé.

3 - Neste item situa-se o pensamento de Spengler, por onde a História se revela por "unidades que têm sua origem, evolução e morte". É o historicismo relativista.

4 - Encontra-se, no atual item, a ciência histórica moderna, propriamente dita, conforme a conceituação de Dilthey, Windelband e Rickert, como sendo a experiência vivida, tendo como base de conhecimento a psicologia analítica e descritiva.

Chega-se, então, através das definições acima ex-

---

(75) ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1970. p. 483, 484.

pressas, ao termo Historiografia, expressão essencial no presente trabalho de adequação, que será objeto da análise que segue:

O termo foi usado por T. Campanella para indicar "a arte de escrever corretamente a História". Com Benedetto Croce passou a ser definido como "o conhecimento histórico em geral ou o complexo das ciências históricas".

Há, no decorrer das diferentes interpretações de historiógrafos da atualidade, outras variantes que, se fossem aqui expressas, tornariam o trabalho por demais extenso e muitas vezes inadequado. Será necessário, pois, precisar uma definição fundamental que, pela sua amplitude, possa integrar várias correntes de interpretação. Ainda citando Abbagnano que fala de uma a Historiografia Pluralista e não se afasta da conceituação moderna apontada por George Lefebvre em O Nascimento da Historiografia Moderna, Marc Bloch em Introdução à História, Fernand Braudel em História e Ciências Sociais, assim como do pensamento de outros historiógrafos como Nagel, Hempel, Toynbee e Lucien Goldmann, será entendida como "objeto definível e verificável através da razão e dos instrumentos de pesquisa de que se dispõe". É, em outras palavras, "o estudo dos processos de pesquisa, análise e interpretação das ocorrências do passado, em conexão com as experiências científicas do presente. (76)

Embora o objeto da ciência histórica seja o homem e o seu passado, verificar o real contido nesse passado é o elemento principal da razão histórica. Realiza-se uma interação com o real de onde deverá emergir a verdade. Esta, por ser ampla e abranger perspectivas variadas do conhecimento humano, é estudada através de determinados parâ

---

(76) Ver a Introdução do presente trabalho, p. 5

metros, que assim se expressam: A Historiografia deverá ser pluralista, perspectivista, individuante, seletiva, condicional e retrospectiva. (77)

O campo historiográfico não pode ser concreto, por excelência, embora os conhecimentos advenham de elementos palpáveis e sujeitos a provas documentais, por onde o historiador venha a extrair subsídios para elaborar os seus juízos.

Conforme os parâmetros acima apontados, é possível definir o campo historiográfico à medida em que as conceituações dos respectivos parâmetros forem se efetivando. Vê-se, pois, que pluralismo expressa as variadas condições para se chegar ao conhecimento histórico e sua dependência dos documentos comprobatórios a serem utilizados. É através do acervo documental que é possível conhecer o objeto de estudo e elaborar a hipótese de trabalho. As perspectivas em Historiografia consistem num relacionamento variado de panoramas que surgem à experiência do pesquisador no momento em que vive, e o passado que procura entender. Como selecioná-los é uma das condições fundamentais para o conhecimento da realidade histórica. O caráter individualizante da História relaciona-se à existência obrigatória do elemento cronológico e geográfico. Embora possa haver, sempre, tentativas de paralelismo entre eventos diversos pela sua aparente similitude, em razão de condições semelhantes de estruturas e conjunturas históricas, só o fato de serem diversos o local e o tempo focalizados, o sincronismo desaparece, ressaltando-se, assim, as diversidades e sua respectiva unicidade.

Ainda o caráter seletivo do conhecimento histórico, expressa uma escolha obrigatória de temas a serem es-

---

(77) ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. op. cit. p. 486.

tudados, cujos fundamentos se atêm nas ocorrências históricas que deverão ser fundamentais para a compreensão do homem. É por isso que não é possível haver escolha arbitrária e aleatória, mas sim objetiva, caracterizando-se por representar algo de relevante e significante no presente. Há, pois, uma necessidade atualizante de se determinarem os fatos a serem estudados, os quais vão sugerir hipóteses que embora incorporadas nos mesmos fatos, deverão ter suas raízes nos valores dominantes no momento em que vive o historiador.

A expressão condicional em Historiografia é preferida atualmente à explanação causal, por ser esta seletiva e contundente de certa forma, e afastar do âmbito de estudos as possibilidades de aferição entre as ciências da natureza e as sociais. Um determinado evento condiciona a existência de outro e não causa a sua ocorrência. Significa que o evento cria a circunstância, mas não impele, necessàriamente, o seu desfecho. O esquema condicionante dos eventos subentende suas possibilidades retrospectivas, que representam o reconhecer de fatores circunstanciais anteriores que expressam probabilidades relevantes. (78)

O campo historiográfico é amplo, diverso, e variado conforme foi exposto anteriormente, mas para que dele se extraiam os elementos inteligíveis para a compreensão do passado, coordenadas básicas disciplinadoras do conhecimento se fizeram necessárias para uma organização metodológica definida de estudos.

(78) IDEM. Op. cit. p. 486.

4.1 O Característico no Campo Historiográfico

Não é fácil caracterizar o campo historiográfico, em razão de ser o próprio campo da ação humana, impossível de se conter em proporções especificamente mensuráveis. Suas perspectivas sempre se ampliam e todo conhecimento que lhe é pertinente não poderá desfechar-se em uma finalidade acabada de modo peremptório. Haverá sempre caminho aberto, roteiro capaz de apontar prospecções mais amplas.

Caracterizar, entretanto, seu objeto de pesquisa torna-se necessário, razão pela qual o estudioso deverá volver à própria origem da palavra História, a fim de definir seu campo de trabalho.

Como o moderno conceito de História científica ganhou expressão na Europa, notadamente a partir do século XX, verifica-se que a definição de Bauer corresponde ao objetivo do presente trabalho, por seu caráter móvel e amplo: História em alemão "Geschichte", significa o suceder e pode ser interpretado de modo mais dilatado, como o que sucede ou o conhecimento do suceder, o qual se aproxima, com mais propriedade, do significado da ciência histórica. É a História que reúne as transformações intermitentes ocorridas no evoluir do pensamento humano e sua respectiva ação.(79). Apreender os pontos relevantes ocorridos nessas transformações e conhecer a sua realidade, no envolvelado dos fenômenos que se sucedem, eis a tarefa do historiógrafo. É ele quem aponta o caminho para a escolha, a análise, interpretação e caracterização dos fatos que maior relevância apresentam para a compreensão do homem e da sociedade que este mesmo homem compõe. Como pesquisar, analisar, criticar, interpretar

---

(79) BAUER, Wilhelm. Introduccion al estudio de la História. Barcelona. Bosch. 1957. 3ª Ed. / p. 31.

e descrever demandam raciocínio e técnicas, objetos de reflexão, de intuição perquirição e comparação, é necessário caracterizar os temas essenciais de trabalho,' para roteiro da composição da realidade procurada.

Para efeito de ordenação pedagógica, a História tradicional firmou-se na divisão cronológica de períodos, através dos quais os eventos se formalizavam. Atualmente surgem transformações que, sem abandonarem as formas anteriores que embora rígidas são necessárias, é caracterizado o campo historiográfico' em três grandes divisões, onde o tempo é o elemento preponderante, porém dotado de maior mobilidade e vida. Essas divisões expressam-se, ainda, através de subdivisões que caracterizam os elencos homogêneos e heterogêneos do ocorrer histórico, possibilitando uma seleção mais inteligível da fenomenalidade.

O tempo é o elemento essencial na História, conforme o expressa Braudel. O trabalho histórico não pode desligar-se do tempo e cabe ao historiador a escolha de suas realidades cronológicas, levando-se em conta suas preferências ou exclusões mais ou menos conscientes. Assim sendo, atualmente os historiógrafos reconhecem a História de tempo breve, a de tempo médio e a de longa duração. O presente trabalho caracterizará o suceder histórico dentro da classificação apontada, por parecer mais lógica e formalizar, de modo racional, uma inovação com raízes na própria tradição metodológica da História.' (80).

---

(80) BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. Trad. Carlos Braga. Lisboa, Presença, 1972. p. 11

4.1.1 A História de Tempo Breve

A História tradicional atinha-se ao acontecimento, onde eram focalizados os indivíduos de preferência ao todo social. Era a História Biográfica, interessada principalmente em eleger um herói necessário, em torno do qual os eventos ocorriam; era a História Episódica, narrativa, linear, onde o passado era retratado sem que dele se extraíssem perspectivas para a maior compreensão dos homens e suas ações. Não era expresso que advinham, as ações, de conjunturas e de estruturas que as condicionavam.

Dentro daquele esquema, a descrição de batalhas em todas as suas etapas, mesmo as mais insignificantes, eram atentamente elaboradas, retratando, pela exposição, os fatos exatamente como se deram. As façanhas dos reis e seus áulicos, as intrigas da corte, os lances emocionais e cuspidos representavam o elemento essencial da trama histórica. Ainda as sagas, as lendas, as anedotas eram arroladas, dando ao estudioso o desenvolver de um mundo de fantasia sem dele extrair elaboração reflexiva que levasse no caminho do real nele contido.

É certo que todas as histórias particulares, como uma batalha, um encontro de homens de Estado, um importante discurso, uma carta fundamental, são instantâneos que têm o seu valor documental insofismável, porque permitem ao historiador refletir, comparar, intuir e extrair parcelas de realidades que auxiliam entendimentos mais amplos no contexto geral do conhecimento histórico. Mas se tomados em seu sentido estrito, "não oferecem do passado e suor dos homens senão imagens frágeis, fulgores, mas não claridade". (81)

Essa História de tempo breve expõe fatos mas omi

---

(81) IBID. p. 98.

te o conteúdo humano nelas contidos. É a História, segundo a qual, a vida dos homens é determinada por acidentes dramáticos onde a liderança acentuada forja o seu próprio destino e condiciona o de sua grei. Dentro desse entendimento, se não fosse pela ação de Hitler, não teria se desencadeado, provàvelmente, a Segunda Grande Guerra Mundial, ou conforme outras interpretações, se não fosse a teimosia polonesa, os mesmos eventos bélicos teriam outro curso. São elaborações por demais simplistas e perfunctórias para explicarem uma ocorrência de tão grandes proporções, embora episódica, no contexto geral do conhecimento histórico. A História analítica e crítica, que é a trabalhada na atualidade, não desdenha os eventos dramáticos, nem a ação isolada de seus homens exponenciais, mas deles extrair "o substrato vivo que lhe alimenta as paixões e a imaginação, cuja lógica anterior, feita de condições materiais de um lugar ou de um grupo, por influência, tolerância ou oposição com o que se produz de análoga maneira além ou dentro de outros grupos", (82) expressam a realidade que o "événementielle" apresenta. Os acontecimentos históricos podem ser simbolizados pela identidade de desejos e de possibilidades que galvanizam os homens e desencadeiam os fatos. São eles, entretanto, o produto de algo mais amplo e mais profundo, o resultado de uma possível conjuntura de tempo menos breve e de uma estrutura de fôlego mais longo que, no decorrer da época, impulsionaram as ocorrências.

O tempo breve em História não pode ser desdenhado, não devendo entretanto ser superestimado. Faz parte do pluralismo histórico e tem o seu lugar na fenomenalidade, da qual sendo parcela, pode, muitas vezes, simbolizar uma épo-

---

(82) MORAZÉ, Charles. A Lógica da História. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, p. 81

ca.

Igualmente necessário é o imaginário na História. "Somar as lendas nos anais, e as obras de arte nos arquivos, é lançar luz sobre antigos milênios obscuros; aprofundar as razões inspiradas pelas cronologias é, ainda, bem além das estatísticas, cadastrar os campos em que a natureza do homem intervem em seus negócios, se bem que se furtando às 'suas mais aparentes razões". (83). É o encontrar no oculto a realidade existente, muitas vezes obnubilada pelo fulgor aparente da imaginação. Dentro desse pensamento, não é possível desligar a História de Tempo Breve, do Tempo Médio e da Longa Duração. Seus choques violentos radicais e incisivos de afirmação, pode o episódico vir a sintetizar uma longa elaboração, de cujo desfecho representa a culminância. Assim entendendo, as vitórias e as derrotas bélicas podem representar algo mais do que um simples evento. Muitas vezes estão elas registradas no subconsciente dos beligerantes "em função de seus sistemas evolutivos de representação e de seus balanceamentos". Conforme bem evidencia a inferência, extraída do estudo dos fatos, não foi a força exclusiva que produziu o espetacular vitória dos conquistadores europeus sobre os habitantes da América Pré-Colombiana, foi, antes de tudo, a impressão galvanizadora que produziram nos indígenas; foram a indumentária e o arrojo, as técnicas de conquistas e a disposição de espírito que moveram os chegantes. Quando os dois universos de representação se defrontaram, um se anulou, e o outro dominou, pelo efeito da própria vitalidade intrínseca de um e a perplexidade de outro. (84)

---

(83) IBID. p 80
(84) IBID p 81

4.1.2. A História de Tempo Médio

A História Econômica, Social, Política e das Mentalidades apresenta-se através de certa oscilação cíclica que a Historiografia atual denomina de conjuntura, extraindo o termo de nomenclatura usada entre os economistas: são os condicionamentos que ocorrem em dados locais ou regiões em períodos compreendidos entre 10, 20 ou mesmo 50 anos. Representam a conjunção de circunstâncias advindas da ordem econômica, sócio-política, ideológica ou mental, acentuadas pelas forças dinâmicas da época que, embora ligadas às ocorrências adstritas aos fenômenos históricos universais, decorrem das estruturas locais que as possibilitaram.

Não é fácil desligar uma conjuntura de sua respectiva estrutura. Juan Regá conceitua conjuntura como o desenvolver de diversas atividades humanas e as caracteriza em quatro "degraus" ou "níveis", em primeiro plano de modo "estático", para facilitar o raciocínio, para depois inseri-las na consideração dinâmica do tempo e extrair sua realidade histórica.

O primeiro nível é o sócio-econômico, por onde são estudados os homens em seu trabalho e distribuição dos bens e de funções entre eles. São observados certos sinais de caráter empírico, descritivos de movimentos de massa, como lutas de classes, lutas de categorias dentro das classes e as relações entre os grupos organizados. Podem, aqui, ser mensurados, através de relatos fragmentários de preços, de salários, de moedas, de taxas demográficas, das finanças públicas, das crises periódicas e suas condições atenuantes ou de exasperação, dos conflitos internos nos grupos ou de suas relações recíprocas. Ainda, as transformações tecnológicas e institucionais, cujos sinais caracterizam bem a con

juntura em determinado período. (85)

O segundo nível é representado pela organização político-administrativa em um Estado. Compreende os escalões governamentais, desde os mais modestos às mais altas hierarquias. É um corte que se faz em determinada parcela da sociedade, ou seja, o estudo da atividade realizada através de certa minoria de cidadãos que manobram a política e a administração.

O terceiro nível é o da cultura, estudada através das atividades decorrentes do pensamento dos homens que integram a sociedade estudada. Envolve as conquistas técnicas, as indagações científicas, literárias e artísticas, assim como a vida espiritual e religiosa. Engloba, tanto as atividades dos homens de gênio como as manifestações populares.

O quarto nível é o da política internacional. São estudados os contatos diplomáticos e as dissenções bélicas de dois ou mais países que compõem o sistema político do período, levando-se em conta, igualmente, as relações tradicionais do decorrer de sua História.

Há contínua interação entre os quatro degraus e torna-se difícil desligarem-se as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais de modo regular e preciso. Estudar, por exemplo, a conjuntura histórica da década na qual se culminou a Independência do Brasil, dificilmente pode ser feita apenas num enfoque político. É o resultado da congregação de várias ocorrências, cuja análise vai depender do entendimento advindo das Ciên-

---

(85) BASTIDE, Roger. Usos e Sentidos do Termo "Estrutura". São Paulo. Editora Universidade de São Paulo. 1971 p. 136

cias Sociais, Filosóficas, Econômicas, Literárias, além de acesso aos arquivos da América e da Europa. O historiador, isoladamente, quando muito, consegue obter uma síntese geral dos temas. É por isto que em História, assim como em Ciências Sociais e Técnicas, atingir a realidade integral de um fenômeno, demanda um conjunto de conhecimentos aos ' quais, várias especialidades científicas são solicitadas para colaborarem. (86)

4.1.3. O Período de Longa Duração

A longa duração expressa-se através de uma História quase imóvel, a história do homem e suas relações com o meio que o envolve, notadamente o geográfico. Braudel afirma que o termo que melhor expressa o tempo longo é a estrutura, palavra que em História é por ele conceituada de modo mais ou menos impreciso, como "um agrupamento, uma arquitetura e mais ainda, uma realidade que o tempo demora imenso a desgastar e a transportar". Não há limite preciso para a duração das estruturas em Histórias. Algumas duram tanto tempo que constituem obstáculo à dinâmica do "suceder". Outras se dissolvem com mais rapidez, sendo que todas elas são apoios ou obstáculos, dos quais o homem dificilmente consegue se libertar. (87)

Na História de longa duração estão contidas as ' realidades geográficas, nas quais se enquadram certos limites de produtividade, certas condições biológicas e espiri-

---

(86) RECLI, Juan. Notas sobre [illegible] histórica. In Revista de Ocidente, Madrid, 1963. p. 6,7,8.

(87) BRAUDEL, Fernand. História e Ciências...Op.cit.p.21.

tuais, de onde emanam, consequentemente, certas características mentais que, muitas vezes, encerram em si hábitos consolidados pela tradição e se perpetuam e entravam a evolução das idéias. Juan Reglá relaciona os elementos que compõem as características estruturais em História dentro do seguinte esquema:

1 - As constantes geográficas que condicionam, de certa forma, as atividades humanas, sem contudo, representarem fatores deterministas de vida. A presença do mar, do oceano, por exemplo, facilita certas atividades do comércio, da indústria, que possibilitam o desenvolvimento da burguesia e de certa mentalidade liberal.

O mundo continental caracteriza-se pelas atividades agrícolas, de onde emanam o regime senhorial e o espírito aristocrático.

A montanha resguarda e defende as populações. Com isto, forma comunidades independentes, permanecendo em tempo dilatado dentro de suas tradições. Costumam elaborar a "cultura em conserva", a qual se mantem atuante, mas sem sofrer alterações. É uma cultura viva, mas não em movimento.

2 - As constantes geográficas possibilitam determinadas estruturas econômicas e sociais, as quais, não tão resistentes quanto as permanências geográficas, se timbram pela necessidade de suceder. (88). Estão classificadas nesse quadro, as infraestruturas e as superestruturas da sociedade. A infraestrutura se aplica à vida material dos homens. É ela o campo das atividades econômicas que se expressam na produção. Suas variações estarão relacionadas ao maior ou menor esforço de apropriação da natureza e em colocá-la à serviço. Condiciona o quadro social com maior ou menor mobilidade entre seus diversos segmentos. Eis o qua-

---

(88) REGLÁ, Juan. Notas sobre el concepto atual ... ip. cit. p. 9

dro estrutural da Europa dos Séculos XI e XII: estrutura agrícola, sociedade estratificada, monarquia feudal. Esse quadro vai transformar-se lentamente, à medida em que as infra estruturas locais vão evoluindo pelo acúmulo de capital, com aplicação em novas formas de trabalho mais desenvolvidos e a formação de comunidades urbanas mais poderosas do que as propriedades agrícolas. (89)

3 - As estruturas institucionais são as superestruturas, constituídas pelos setores políticos e culturais, relacionados diretamente ao enquadramento econômico e social, porém com mobilidade por vezes menos resistentes, por suas intercomunicações constantes pelo comércio, pela guerra ou pela diplomacia com estruturas diversas advindas de meios geográficos diferentes.

Não é possível distinção acentuada entre estrutura e conjuntura e suas transformações são tão sutis, que captar a sua realidade constitui trabalho global integrado entre História e as ciências afins da História, a fim de que se possa distinguir o que é objeto de mudanças cíclicas mais aceleradas e as formações lentas advindas de enraizamentos geográficos e tradicionais.

Braudel procurou realizar um trabalho que abrange as três etapas do tempo histórico em "El Mediterraneo y el mundo mediterraneo". Fundamenta, inicialmente, as bases estruturais da história mediterrânea européia, dentro de uma dinâmica História Geográfica, onde expõe as diversas características regionais e climáticas da região e o trabalho do homem em contato com seu meio. Da ecologia, parte para as produções econômicas, as relações demográficas, as mutações das classes, seus relacionamentos, as formações políticas e sua evolução através dos séculos. Finaliza com a História de breve duração, onde são estudados os episódios

(89) IBID. P. 9

dramáticos, os lances sucessivos e as atividades políticas' dos dirigentes do Estado. Simboliza, essa última parte, a síntese daquilo que o meio geográfico e a tradição socio--cultural condicionaram através dos tempos, que é a manifestação expressiva da realidade estrutural e conjuntural, por onde se integra o "évenementielle" (90)

Não é possível entender, isoladamente, acontecimentos políticos de um lado, estrutura social de outro e uma conjuntura econômica, separadamente, por exemplo. Todos os fenômenos humanos podem se relacionar ao plano do evento, do conjuntural e do estrutural e é o que constitui o trabalho da História.

4.1.4. A História e sua Problemática Científica

Frédéric Mauro considera a História como ciência do abstrato, enquanto Bloch designou-a como a ciência do concreto. Ambas as afirmações são por demais incisivas para determinarem um pensamento acabado sôbre o objeto histórico. Pode-se afirmar que o abstrato, contido no raciocínio, na intuição, na observação, parte do concreto que é representado pelo documento, pelos monumentos ou pelas provas arqueológicas que, embora concretas, expressam o espírito do homem que as elaborou. A partir dos esclarecimentos' advindos das técnicas auxiliares, a História estuda a civilização passada. A preocupação do historiógrafo deverá ser o construir a História do passado, servindo-se das outras

---

(90) BRAUDEL, Fernand El Mediterraneo y el mundo Mediterrâneo. México, Buenos Aires. Fondo de Cultura Econômica. 1963. I e II vols.

ciências do presente, porque, como ocorre nas Ciências Sociais, lida com elementos concretos para atingir o conhecimento abstrato. (91)

Partindo desta última afirmação, pode-se chegar à seguinte conclusão sôbre o campo e as características da Historiografia na época atual:

1 - Seu elemento essencial é o tempo.

2 - Os fenômenos históricos possuem caráter pluralista, perspectivista, individuante, coletivo e retrospectivo.

3 - Utiliza-se de ciências e disciplinas afins para reconstituir e compreender os fenômenos históricos.

4 - Para fins metodológicos, subdivide-se em áreas de estudo, denominadas História Social, Econômica, Política, Religiosa, Literária, das Mentalidades, etc. Não é possível, entretanto, desligar cada especialidade de seu caráter temporal e separá-las de uma integração entre si.

5 - A realidade em História é elemento de conotação entre o passado e o presente e seu objetivo é encontrar o que há de constante e transcendente no passado que permaneça vivo no presente, mesmo ampliado ou modificado por novas técnicas ou envolvido por outras dimensões do pensamento.

(91) MAURO, Frédéric, Nova História e Novo Mundo. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo. 1969. / p. 44.

4ª P A R T E

5.0 BASES PARA CONFRONTO

5.1 Síntese do Trabalho de Bachelard que Fornece Possíveis Adequações a Historiografia.

Introdução:

Interação entre razão e realidade, através do realismo técnico.

Raciocínio por construção - hipótese vinculada à experiência realizada.

Aplicação dos processos clássicos de pesquisa: - extensão, inferência, síntese e totalidade.

A realidade explicada

Simplicidade e complexidade.

Flexibilidade

Envolvimento das conquistas científicas do passado pelas do presente.

Geometria Euclidiana e Não Euclidiana

Geometria Euclidiana e Não Euclidiana - Introdução da álgebra - Conciliação.

A Mecânica Não Newtoniana

Recomposição da estrutura newtoniana de simultaneidade.

Matéria e Irradiação

Conhecimento da interação entre energia, movimento e matéria.

Os característicos fenomenais mais importantes da matéria, relativos à energia.

Ondas e Corpúsculos

Tornar indireto o que era direto, encontrar o mediato no imediato, o complexo no simples, como medida exata da revolução empirista produzida pela mecânica ondulatória.

Determinismo e Indeterminismo

O determinismo antigo é consequência da simplicidade da geometrização primeira, um esfôrço para racionalizar o real.

Negação do aspecto determinista com base na observação apenas, introduzindo-se a necessidade de o retificar pela experimentação. Adoção do determinismo negativo - o que não será.

Análise metafísica do fenômeno, da coisa e do movimento.

Diferença entre determinismo e causa. O princí-

pio de causa é móvel e se subordina ao que a Física exige. O princípio de causa é mais geral e do determinismo mais preciso.

Indeterminismo, no sentido das probabilidades com validade de estatística e das condições hierárquicas.

A Física indeterminista engloba a determinista.

Inferência através da estatística, onde o objeto se prende ao grupo. Poderá haver uma individuação e não a individuação.

Chega-se ao real estudando-se a classe.

Ajuste da mecânica ondulatória às novas estatísticas e à teoria do campo unitário de Einstein.

Reclassificação do realismo com o impulso gerado no abstrato.

Epistemologia não Cartesiana

Negação da perenidade dos melhores métodos. Sua essência, a reflexão, base da psicologia do espírito científico.

Negação da base do pensamento objetivo de Descartes, condenando as doutrinas de natureza simples e absolutas.

Subversão do problema da intuição, que deve ser precedido por um estudo discursivo, que realiza uma espécie de dualidade fundamental.

Noções de base desdobradas, devendo ser comprovadas por noções complementares.

Negação do fenômeno simples, afirmação de que o fenômeno é um tecido de relações.

O simples só pode ser destacado após estudo aprofundado do complexo.

Equação do noumeno e do fenômeno com a dialética da racionalização ativa, onde a experiência não atinge, e

pensamento conclui.

Racionalismo aberto.

6.0 Confronto dos Temas Gerais da Teoria de Bachelard com os Fenômenos Históricos.

Os confrontos que deverão ser feitos a partir do presente capítulo, baseiam-se no item 5, onde se lê: "Bases para Confrontos". O paralelismo entre o pensamento historiográfico e os temas estudados por Bachelard, não deixou de ser feito no decorrer da exposição, ao serem analisados os pensadores do pretérito, notadamente os dos últimos duzentos anos, a partir de meados do século XVIII.

Será feita, agora, a tentativa de confronto, com bases nos itens selecionados nas duas páginas introdutórias dessa quarta parte.

Interação entre razão e realidade, através do realismo técnico.

Em História, razão é reflexão, crítica e compreensão, realizadas pelo historiador, ao extrair da gama de fatos do passado, a expressão do que interessa aos homens da atualidade. Evento histórico e historiador se confundem.

A realidade é a essência do que se julga de valor na atualidade e, tendo vindo do passado, conserva sua perenidade no presente, auferida através dos documentos, dos monumentos, das sagas e de certas tradições de real valor para a humanidade.

O realismo técnico é a técnica aplicada à realidade, na qual inclui-se o uso das disciplinas afins da His-

tória: Etnologia, Antropologia, Sociologia, Geografia, Economia, Paleografia, Numismática, Diplomática, Arqueologia , etc., a fim de que, através dessas especialidades o historiógrafo consiga elaborar seus conceitos a respeito do fenômeno histórico a estudar e dele extrair a realidade contida.

Raciocínio por construção - Hipótese vinculada à experiência realizada.

É o conhecimento da pesquisa a realizar, pelo exame das provas de que se dispõem em confronto com o conhecimento empírico, a fim de fundamentar a hipótese de trabalho. Exame e conhecimento empírico possibilitam o raciocínio por construção isto é, a elaboração mental do quadro histórico geral e particularizado, extraído de dados documentais e da experiência atual no campo histórico. Eis um exemplo que ilustra a afirmação acima: A Independencia do Brasil teve reflexos políticos e administrativos na capitania de Goiás

Chega-se à afirmação, pelo conhecimento da História do Brasil na época e pelo exame de documentos exarados da administração política de Goiás no período: relatórios, cartas, atas, etc. Cabe, a seguir, o fundamento da afirmação, que se enquadra numa hipótese que deve ser explicitada através da narração de como os reflexos ocorreram, tendo em vista os vínculos políticos, sociais e administrativos com o governo central, e a interação existente da sociedade brasileira no período.

Aplicação dos processos clássicos de pesquisa

A Extensão - É o conhecimento da estrutura e da conjuntura econômica, sócio-política e mental no universo histórico da época, através das leituras de filósofos, polí

ticos, historiadores, economistas e sociólogos. É tudo que se possa relacionar com o acontecimento a ser estudado. É o panorama geral do período no campo da História Universal.

A Inferência - Os raciocínios que se baseiam no conhecimento histórico em geral, possibilitam dedução sobre o fato particular a ser estudado. Eis por exemplo, as razões de a Ilustração Européia influenciar a mentalidade dos políticos e de parte da sociedade dos começos do século XIX em Portugal e no Brasil. Para se chegar a uma reflexão lógica sôbre o tema, o historiador elabora o quadro filosófico, social e econômico da época, em seu passado mediato e imediato ao fato a estudar. Chega a conclusões racionais, comprovadas pelos acontecimentos, como a influência da revolução intelectual européia, através de trabalhos sôbre economia, filosofia, sociologia, política, ciências técnicas, os quais vão inspirar a vida cultural portuguesa a partir do século XVIII, assim como a da Inglaterra, França, nações estreitamente ligadas à conjuntura ibérica.

A sociedade tradicional portuguesa começa a se abalar, dividindo-se as mentalidades em conservadoras e liberais. No campo político, a ação do despotismo esclarecido do século XVIII português provoca mudanças que, embora não muito radicais, transformam, em parte, a economia e a administração do reino.

A inferência possibilita concluir-se que as transformações que se operam na metrópole colonizadora, teriam lògicamente de refletir nos acontecimentos da vida brasileira, pela conjunção simbiótica existente entre uma e outra.

O raciocínio projetado através do tempo de longa duração, setenta, ou oitenta anos anteriores ao final do século XVIII, na Europa, leva à compreensão do sentido das revoluções burguesas americana e francesa na tomada de posição das mentalidades liberais e conservadoras em Portugal e no

Brasil.

A ação dos conjurados mineiros e a repressão do govêrno de Dona Maria I de Portugal, representam fatos que, logicamente pronunciavam transformações políticas posteriores.

A Indução - Deve ser atinente às ciências auxiliares, no sentido de possibilitar a composição do quadro social e econômico da época a estudar.

A aplicação dos conhecimentos sociológicos sobre a noção de classe, por exemplo, suas divisões e quais as definições que seriam aplicadas no Brasil, e particularmente em Goiás na época; no período de Independência do Brasil, as diversas categorias que compunham a sociedade. Verifica-se que são prioritariamente, dois os segmentos sociais: senhor-escravo. Não há, entretanto, divisão rígida, como ocorre em outras sociedades semelhantes, porque, ainda de permeio, observam-se brancos que, embora artesãos ou trabalhadores braçais, ocupam categoria social acima do trabalhador escravo. Há ainda, uma gama intermediária, onde agrupam-se os forasteiros e os negros forros, formando um conjunto matizado e pouco definido socialmente.

O quadro acima expresso pode ser aplicado, praticamente, a todas as capitanias do Brasil, com variantes pouco acentuadas, haja vista fortes traços em comum da população que povoou o Brasil. Dentro do mesmo diapasão, são estudados as condições econômicas da região.

Através do esboço acima apresentado, chega-se à dedução de que a sociedade de Goiás e do Brasil se compunham de duas categorias principais de habitantes: o senhor e o escravo, com intermediários povoadores entre as duas. A classe média praticamente não existia e não podem ser aplicados, totalmente os modelos da sociedade européia estabilizada, com a existência de uma burguesia atuante política e econômica-